

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO
FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
DIRETORIA DE PESQUISAS
COORDENAÇÃO DE AGROPECUÁRIA - COAGRO
UNIDADE ESTADUAL DO IBGE NO CEARÁ – UE/ CE
GRUPO DE COORDENAÇÃO DE ESTATÍSTICAS AGROPECUÁRIAS DO CEARÁ (GCEA-CE)

RELATÓRIO DE OCORRÊNCIAS – JANEIRO/2017

1.O Contexto da safra 2017:

Janeiro é o mês do primeiro Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - LSPA para o ano de 2017 e refere-se ao período de **16 de dezembro de 2016 a 15 de janeiro de 2017**. A finalidade, nesse período, é pesquisar o grau de variação da intenção de plantio do produtor para o ano de 2017 em relação à intenção de plantio de 2016 (culturas temporárias de curta duração) e da área a ser colhida para o ano de 2017 em relação à intenção de área colhida em 2016 (culturas temporárias de longa duração e culturas permanentes), construindo a base que orientará as alterações conjunturais nos meses subsequentes. Objetiva-se também identificar a variação do crescimento ou decréscimo da expectativa de produção para 2017, em relação à safra obtida em 2016 e em relação à expectativa que havia em 2016.

As primeiras notícias de chuva ocorreram em 16 de dezembro de 2016, chovendo em 20 cidades do CE. O Cariri, região em que as chuvas chegam primeiro, concentraram as maiores chuvas, sendo o Município de Caririaçu aquele em que houve a maior precipitação (com 59 milímetros), seguido de Missão Velha (55 mm), Barbalha (35 mm), Juazeiro do Norte (31 mm) e Missão Velha (18.6 mm).

O Centro-Sul do Estado também foi contemplado com as chuvas em Iguatu (34 mm) e Várzea Alegre (23 mm).

A FUNCEME explicou que as precipitações foram favorecidas pelos sistemas meteorológicos característicos da pré-estação chuvosa no Estado. A atuação de um Vórtice Ciclônico de Altos Níveis (VCAN) foi responsável pelos primeiros registros de chuva nessa pré-estação. Ressaltou que o Vórtice é um sistema que se desloca com relativa facilidade, por isso, durante a pré-estação, orienta-se que os usuários acompanhem a previsão diária do tempo, atualizada duas vezes por dia no site da Funceme.

Acrescentou que é comum na segunda quinzena de dezembro ocorrer mais chuvas que na primeira quinzena, também podendo haver aumento na intensidade das precipitações.

As chuvas continuaram nos dias seguintes, chovendo em 18/12/2016, em 14 cidades cearenses, destacando-se Penaforte (146,5 mm); no dia seguinte, banharam 61 municípios, destacando-se Icó (102 mm) e Milhã (100 mm).

Em 19/12/2016, foram registradas chuvas em 100 municípios cearenses, sendo a maior delas em Milhã (80 mm), no Sertão Central. Outras grandes precipitações foram registradas em Ipueiras (76.3 mm), Jaguaribara (71 mm), Icó (65 mm), Pires Ferreira (57 mm), Solonópole (48 mm), Senador Pompeu (47 mm), Ipu (46 mm), Alto Santo (44 mm) e Nova Russas (42.5 mm).

A nebulosidade que caracterizava um padrão observado naqueles dias, segundo a Funceme, está associada ao sistema de baixa pressão atmosférica conhecido como Cavado de Altos Níveis.

No final de 2016, em 30.12.2016, o Estado do Ceará voltou a registrar chuvas em 29 municípios, destacando-se o município de Ibiapina (35 mm), na região da Ibiapaba. A cidade de Graça (30 mm), Viçosa do Ceará, Forquilha, Aracoiaba, Croatá, Nova Russas, Pentecoste, Marco e Russas.

Em 2017, as chuvas reiniciaram em 03 de janeiro, banhando cidades da região Norte do Ceará, com precipitações de até 70 milímetros. Em Sobral, a chuva alagou ruas, derrubou árvores e ocorreu queda de granizo no Distrito de Patos.

Na explicação da FUNCEME, houve uma linha de instabilidade devido à influência da zona de convergência intertropical (ZCIT), que gerou a formação das nuvens que propiciam a chuva. Esta linha de instabilidade é mais frequente no mês de fevereiro.

As chuvas continuaram no dia seguinte em Municípios da região Norte do Ceará em pelo menos 30 cidades, destacando-se Uruóca (49 mm), Ubajara (43,6 mm), Viçosa do Ceará (40 mm), Granja (31,2 mm), Maracanaú (30,6 mm), Meruoca (27 mm), Martinópole (21 mm) e Irauçuba (20,1 mm).

Contabilizou-se, àquela época, aporte hídrico em 64 açudes, sendo que em 12 de janeiro foram sete aportes: Gameleira, em Itapipoca; Maranguapinho, em Maranguape; Cauhipe, em Caucaia; Malcozinhado, em Cascavel; Mundaú, em Uruburetama; Catucinzenta, em Arneiroz; e Cachoeira, em Aurora.

Contudo, essas recargas foram insignificantes em termos numéricos, não alterando o quadro de escassez hídrica que o Ceará enfrenta. Tanto que o número de açudes em volume morto aumentou de 48 para 49. O Tigre, em Solonópole, passou a essa categoria na última semana e contabilizava-se naquela data 36 açudes completamente secos.

A situação, que já é crítica, pode se agravar ainda mais. De acordo com a COGERH, se não chover pelo menos a média histórica durante a quadra de fevereiro a maio, o Estado passará a depender de reservatórios estratégicos, como o Orós, Araras, Pedra Branca e Arneiroz 2, pois dentre as 12 bacias, há algumas que são estratégicas. Preservou-se a água de alguns açudes para utilizá-la em momentos como este de baixo aporte hídrico.

Desde 2016, o Castanhão, maior reservatório cearense e que abastece a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), tem recebido aporte do Orós. Segundo a COGERH, a liberação de 16 mil litros/segundo será mantida até 1º de fevereiro, mês em que o Comitê de Bacias definirá uma nova vazão do Orós para o Castanhão, pois, mesmo sem o suporte do Orós, o Castanhão ainda não teria atingido seu volume morto.

O Castanhão perdeu mais da metade de sua capacidade nos últimos 12 meses. Em janeiro de 2016, o volume acumulado era de 10,51%, declinando para 5,02% dos 336,48 milhões de m³ de água em janeiro. Quanto ao Orós, os índices caem drasticamente. Além da escassez de chuva, o reservatório está soltando água para abastecer o Castanhão. No último ano, a redução foi de 33,02% para 13,45% neste mês.

A COGERH tem realizado diversas medidas para minimizar os impactos da seca. Para

auxiliar o abastecimento, estão implantando adutoras de rápida montagem para transferência de águas em longas distâncias; perfurações de vários poços e controle.

Em 18 Janeiro de 2017, a Fundação Cearense de Meteorologia (Funceme) divulgou o prognóstico para a quadra chuvosa¹ de 2017, explicando que, depois de cinco anos de seca, **a probabilidade de chuvas dentro da média histórica é de 40%** para os meses de fevereiro, março e abril; 30% de probabilidade para a categoria abaixo da média e 30% para a categoria acima da média. Contudo, esta Instituição reconhece que o cenário “inspira cuidados e continuidade nas ações de segurança hídrica”.

A FUNCEME expõe ainda que, com relação a regiões do Estado, que haverá uma ligeira tendência de chuvas acima da média para o setor noroeste do Estado do Ceará e, para o setor sudeste, uma tendência de chuvas em torno da média.

No noroeste, a probabilidade para a categoria abaixo da média é de 25%, para **a categoria em torno da média é de 35%** e para a categoria acima da média é de 40%. Já no **sudeste** as probabilidades apontam 35% para a categoria abaixo da média, **40% para a categoria em torno da média** e 25% para a categoria acima da média.

Apesar das constantes notícias de chuvas, no período de referência (16 Dezembro de 2016 a 15 de Janeiro de 2017), apenas duas macrorregiões apresentaram Desvio Percentual positivo entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas: Litoral de Fortaleza (+46,1%) e Baturité (+4,35).

O Cariri, em que as chuvas chegam primeiro, apresentou o maior Desvio Percentual negativo (-43,6%) entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas.

Em segundo lugar, vem o Litoral do Pecém (-25,7%), seguido da Ibiapaba (-24,3%), Sertão Central e Inhamuns (-19,7%) e Litoral Norte (-1,1%).

O fato é que no Ceará o Desvio Percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas foi negativo (-19,7%).

Contudo, a FUNCEME sempre lembra que o desempenho na Pré-Estação chuvosa não influi no desempenho da Quadra Chuvosa.

Quadro 1: Desvio Percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas de 16 Dezembro de 2016 a 15 de Janeiro de 2017

no	Macrorregião	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio Percentual (%)
Esta	Litoral Norte	58,5	57,9	-1,1
do	Litoral do Pecém	46,4	34,5	-25,7
do	Litoral de Fortaleza	58,9	86	46,1
Cear	Maçiço do Baturité	64,9	67,6	4,3
á e	Ibiapaba	67,6	51,2	-24,3
suas	Jaguaribana	49	32,5	-33,6
Macr	Cariri	88,5	49,9	-43,6
orre	Sertão Central e Inhamuns	51,7	41,4	-19,9
giõe	CEARÁ	61,5	49,4	-19,7
s				

1 **Pré estação chuvosa:** Dezembro e Janeiro; **QUADRA CHUVOSA:** FEVEREIRO A MAIO; **Pós estação chuvosa:** junho e julho.

Fonte: FUNCEME

Como o déficit hídrico é a principal preocupação no Ceará, a parte sudeste é aquela mais preocupante por conta do aporte de água dos reservatórios mais estratégicos do Estado.

A FUNCEME explicou que, em anos normais, que é a categoria mais provável para 2017, há 50% de chances de ter escoamento significativo para os reservatórios. Então significa que haverá cerca de 55% de probabilidade, com base na previsão, de não haver escoamentos significativos para reservatórios como o Castanhão, Orós etc.

Apesar das chuvas ocorridas, até 23/janeiro de 2017, em todas as regiões o percentual de chuvas ainda foi negativo em todas as Regiões Hidrográficas, comparando-se os dados de dezembro/2016 e janeiro/2017

Observando-se o *ranking* das Bacias Hidrográficas, segundo o volume relativo armazenado, inicia-se pela Bacia do Litoral, que está com 25,11%, ocupando a primeira posição.

Em segundo lugar, figura a Bacia do Coreaú com 24,99%, seguida da Bacia da Serra da Ibiapaba (13,25%), Bacia do Alto do Jaguaribe (12,17%), Bacia Metropolitanas (9,71%), Bacia do Salgado (9,07%), Bacia do Acaraú (6,81%), Bacia do Médio Jaguaribe (4,57%), Bacia do Banabuiú (1,66%), Bacia do Curu (1,39%), Bacia dos Sertões de Crateús (1,28%) e finalmente, a Bacia do Baixo Jaguaribe, que apresenta a situação mais difícil, pois está com zero volume armazenado.

Em termos absolutos, o maior volume está no Alto Jaguaribe (338.229.051 m³), seguido do Médio Jaguaribe (337.568.239 m³) e a Metropolitanas (133.140.791 m³), que ocupa o terceiro lugar.

Quadro 2: Capacidade e Volume Armazenado das Bacias Hidrográficas do Ceará – 2017

Regiões	Quantidade de açudes monitorados	Capacidade (m³)	Volume dez/2016 (m³)	Volume dez 2016 (%)	Volume Jan/2017 (m³)	Volume Jan 2017 (%)	(Jan/dez)%
Acaraú	14	1.721.047.165	122.613.033	7,12	117.140.402	6,81	-4,41
Alto Jaguaribe	23	2.778.546.000	393.481.041	14,16	338.229.051	12,17	-14,03
Baixo Jaguaribe	1	24.000.000	0	0	0	0,0	0,0
Banabuiú	19	2.759.753.240	49.502.962	1,79	45.926.113	1,66	-7,03
Coreaú	9	308.660.000	81.364.873	26,36	77.131.111	24,99	-5,20
Curu	13	1.028.210.000	15.691.492	1,53	14.260.852	1,39	-9,35
Litoral	10	215.132.392	58.387.521	27,14	54.029.563	25,11	-7,46
Médio Jaguaribe	15	7.389.107.414	350.724.647	4,75	337.568.239	4,57	-3,82
Metropolitanas	19	1.371.412.000	146.141.698	10,66	133.140.791	9,71	-8,93
Salgado	15	452.312.000	41.204.484	9,11	41.002.738	9,07	-0,49
Serra da Ibiapaba	1	141.000.000	20.320.066	14,41	18.675.848	13,25	-8,08
Sertões de Crateús	10	448.047.203	6.440.598	1,44	5.742.366	1,28	-11,00
Ceará	149	18.637.227.414	1.285.872.415	6,90	1.182.847.074	6,35	-8,02

FONTE: COGERH 23/01/2017

De posse destas informações, constata-se que, dos 53 produtos atualmente já levantados no Estado do Ceará, os dados indicam que houve ampliação na **área a ser colhida** de 19 deles, comparando-se com a previsão realizada em 2016: São eles: macaxeira de sequeiro, macaxeira irrigada, batata doce, fumo, milho (grão) de irrigado, milho (grão) de sequeiro, milho (espiga), melancia de sequeiro, melancia irrigada, mandioca irrigada, abacate, banana irrigada, ata irrigada, castanha de caju (anão), goiaba irrigada, manga irrigada, maracujá, tangerina e palma forrageira.

Os produtos cuja **áreas a serem colhidas diminuiram para 2017**, comparando-se com aquelas previstas em janeiro de 2016 são 33: algodão herbáceo de sequeiro, amendoim, arroz de sequeiro, arroz irrigado, fava, feijão de arranca de 1ª safra (*Phaseolus*), feijão de corda de 1ª. safra (*Vigna*), feijão de corda de 2ª. safra (*Vigna*), milho (semente), tomate, melão, abacaxi irrigado, abacaxi de sequeiro, cana-de-açúcar de sequeiro, cana-de-açúcar irrigada, mamona, mandioca de sequeiro, acerola, ata (pinha) de sequeiro, banana de sequeiro, café em grão (*arabica*), castanha de caju (gigante), coco-da-baía (seco), coco-da-baía (água), goiaba de sequeiro, laranja, limão, graviola, manga de sequeiro, ceriguela, sisal, mamão e uva.

O café *conilon* não apresentou variação na área.

2. Mudança Metodológica no Rendimento do Prognóstico

Desde o surgimento do LSPA, em 1973 até 2016, o GCEA/CE, estimava o rendimento do prognóstico, utilizando apenas os anos considerados normais, sem as intempéries naturais (secas, excesso de chuvas, etc).

Em virtude das secas serem cada vez mais frequentes, especialmente nos últimos 5 anos, esta metodologia já não se adequa mais à realidade, trazendo diversos questionamentos, especialmente do Setor das Contas Nacionais. Por ocasião da divulgação do PIB relativo ao primeiro trimestre, como os dados agrícolas ainda não eram definitivos, pois vários produtos ainda não estavam em colheita, sempre havia muito debate.

Outro Setor que sempre questionava esta metodologia é o Setor da Cajucultura. Como a safra da castanha-de-caju se inicia em setembro e a maior parte dos dados são

atualizados em dezembro, os dados eram sempre questionados por estarem superestimados, gerando as informações por vezes confusas.

Além disto, em diversas Unidades da Federação há mais de uma década que já se calculava o rendimento para o prognóstico, utilizando os rendimentos médios alcançados nas últimas cinco safras, eliminando-se os extremos e procedendo a média aritmética.

Um dos aspectos a mostrar a necessidade de uma mudança metodológica é a recorrente e elevada distância entre o prognóstico e produção obtida. Observando-se os últimos 21 anos (1996 a 2016), constata-se que a distância entre o prognóstico da produção e a produção obtida acima de 50% prevalece, ocorrendo em 11 destes anos. O número de anos com o percentual abaixo de 20% entre o prognóstico e a produção obtida é de apenas 4 anos.

Por isto, buscando uniformizar nacionalmente a metodologia do cálculo do rendimento para o prognóstico e atender às sugestões de diversos setores críticos àquela metodologia utilizada até 2016, a partir de 2017, o Ceará passa por mudança metodológica, utilizando os rendimentos médios alcançados nas últimas cinco safras (2012 a 2016) , eliminando-se os extremos e procedendo a média aritmética.

Como os últimos 5 anos foram secos, os rendimentos foram muito baixo e, de acordo com a FUNCEME, a maior probabilidade é de haver uma quadra chuvosa normal. Por isto, o GCEA/CE fez uma estimativa, utilizando os últimos 11 anos (2006 a 2016), com base no ciclo solar, também conhecido como ciclo solar de *Schwabe*, que é o ciclo que mostra a atividade do sol em intervalos de aproximadamente 11 anos.

É importante esclarecer que esta mudança metodológica não afetará a qualidade do dado obtido. O LSPA é uma pesquisa conjuntural, atualizada mensalmente, refletindo as mudanças durante o ano e, ao final deste, o dado é definitivo, utilizado nas Políticas Públicas.

Quadro 3: COMPARATIVO DO PROGNÓSTICO E PRODUÇÃO OBTIDA DAS SAFRAS DE GRÃOS DO CEARÁ – 1996 a 2017

ANO	Prognóstico	Obtido	(%)
	PRODUÇÃO (t)	PRODUÇÃO (t)	
1996	1049141	663536	-37
1997	1080442	543090	-50
1998	962308	265870	-72
1999	912800	793601	-13
2000	1108929	1029076	-7
2001	1245194	400216	-68
2002	1282350	932553	-27
2003	1386651	1083506	-22
2004	1351470	632906	-53
2005	1328720	531509	-60
2006	1273567	1145557	-10
2007	1378615	575302	-58
2008	1431756	1129862	-21

2009	1367089	781684	-43
2010	1370675	336207	-75
2011	1447180	1300855	-10
2012	1438395	233857	-84
2013	1246856	243471	-80
2014	1069109	505404	-53
2015	1143956	226433	-80
2016	1062216	187960	-82

Fonte: IBGE: LSPA 1996 e 2016

3. Cereais, Leguminosas e Oleaginosas

No grupo de Cereais, Leguminosas e Oleaginosas, comparando-se com a primeira estimativa de 2016, apenas o milho (grão) irrigado e o milho (grão) de sequeiro apresentam pequena ampliação na área. O milho é um produto presente na alimentação humana e animal, mesmo em período de seca em que houve redução na safra de grãos, o milho pode ser aproveitado como forragem para os animais, por isso, este incremento na área para 2017.

Já os demais produtos apresentam redução de área, devido ao fato dos agricultores terem passado por cinco anos consecutivos de seca e estarem receosos deste ano também haver chuvas abaixo da média, uma vez que estas informações referem-se ao período de **16 de dezembro de 2016 a 15 de janeiro de 2017**.

Comparando-se às áreas intencionadas ao plantio na última safra normal de grãos (2011), a redução é de 33%, correspondendo a 511.017 hectares pois naquele ano a intenção de plantio era de 1.567.668 ha e para 2016 a previsão é que sejam plantados 1.056.651 hectares.

Quadro 4: ÁREAS INTENCIONADAS AO PLANTIO DAS SAFRAS DE GRÃOS DO CEARÁ - 1996 a 2017

ANO	ÁREA (ha)
1996	1.602.223
1997	1.495.984
1998	1.312.588
1999	1.261.988
2000	1.371.584
2001	1.412.452
2002	1.349.069
2003	1.386.651
2004	1.382.309
2005	1.357.862
2006	1.324.980
2007	1.362.295
2008	1.404.023
2009	1.458.146
2010	1.509.540
2011	1.567.668
2012	1.402.564
2013	1.287.318

2014	1.030.563
2015	1.127.384
2016	1.063.879
2017	1.056.651

Fonte: IBGE: PAM E LSPA/2017

Considerando os rendimentos médios utilizados as últimas cinco safras, eliminando-se os extremos, a produção esperada para 2017 foi de 283.344 toneladas, representando redução de 73,33% com aquela esperada início de 2016 (1.062.216 toneladas). Já comparando-se com a safra obtida no ano anterior, esta safra apresenta-se maior em 50,75% que a safra passada (187.961 t).

Já ao se considerar os rendimentos médios utilizados nos últimos 11 anos, a produção esperada para 2017 foi de 517.264 toneladas, representando redução de 51% com aquela esperada início de 2016 (1.062.216 toneladas). Comparando-se com a safra obtida no ano anterior, esta safra apresenta-se maior em 175% que a safra passada (187.961 t).

O cálculo com base nos 5 anos influiu na participação. O milho, que permanece ocupando o primeiro lugar, passou de 71,97% (2016) para 59,21% (2017) na estimativa de produção total da safra de grãos do estado do Ceará. Esta redução deve-se ao fato de que o milho é muito vulnerável à falta de água e, em 5 anos de seca, todos os rendimentos foram baixos.

Já o Feijão de Corda 1^a. Safra (*Vigna*), que se mantém em segundo lugar, aumenta a participação de 21,64% (2016) para 22,65% (2017). O feijão é mais resistente à seca do que o milho, razão pela qual mesmo apresentando um rendimento baixo, comparando-se com o milho, a variação no percentual de participação na safra total de grãos é pequena.

Já o arroz, por conta do arroz irrigado, que é menos afetado pela falta de chuva, apresenta o maior aumento na participação, pois passa de 4,24% (jan/2016) para 13,89% (jan/2017).

O Feijão de Corda de 2a. Safra (*Vigna*) aumenta sua participação no total da safra de grãos, passando de 0,67% (2016) para 2,28% (2017). Este crescimento é decorrente de haver feijão irrigado na segunda safra, cujo rendimento é afetado em menor proporção, pois depende da disponibilidade de água para irrigação, que vem sendo provida nos últimos anos com perfuração de poços.

Estes 4 produtos acima respondem por 98,03%, do total da safra de grãos e os demais produtos representam juntos apenas 1,97% e participam com menos de 1%.

Quadro 5: PARTICIPAÇÃO DOS PRODUTOS NO TOTAL DA SAFRA DE GRÃOS 2017, UTILIZANDO RENDIMENTOS DOS ÚLTIMOS 5 ANOS

PRODUTO	01/16		12/16	
	PRODUÇÃO (t)	%	PRODUÇÃO (t)	%
MILHO (grão)	764.502	71,97	167.758	59,21
FEIJÃO DE CORDA 1ª SAFRA	229.841	21,64	64.184	22,65
ARROZ TOTAL	45.030	4,24	39.356	13,89
FEIJÃO DE CORDA 2ª SAFRA	7.096	0,67	6.456	2,28
MAMONA	3.143	0,30	548	0,19
SORGO GRANÍFERO	1.480	0,14	0	0,00
ALGODÃO TOTAL	623	0,06	153	0,05
FAVA	3.712	0,35	1.680	0,59
FEIJÃO DE ARRANCA 1ª SAFRA	3.011	0,28	1.462	0,52
AMENDOIM	725	0,07	204	0,07
MILHO (semente)	3.053	0,29	1.543	0,54
TOTAL	1.062.216	100	283.344	100

FONTE: LSPA- JAN/2016 e JAN/2017

Já ao se observar o cálculo com base nos 11 anos (2006 a 2016), constata-se que houve pouca influência no percentual de participação. O milho, que permanece ocupando o primeiro lugar, passou de 72,18% (2016) para 70,60% (2017) na estimativa de produção total da safra de grãos do estado do Ceará.

Já o total do Feijão se mantém em segundo lugar, aumenta a participação de 22,65% (2016) para 22,98% (2017).

Já o arroz passa de 4,25% (jan/2016) para 5,71% (jan/2017).

Estes 4 produtos acima respondem por 99,29%, do total da safra de grãos e os demais produtos representam juntos apenas 0,71% e participam com menos de 1%.

**Quadro 6: PARTICIPAÇÃO DOS PRODUTOS NO TOTAL DA SAFRA DE GRÃOS 2017
UTILIZANDO RENDIMENTOS DOS ÚLTIMOS 11 ANOS**

PRODUTO	01/16		01/17	
	PRODUÇÃO (t)	%	PRODUÇÃO (t)	%
MILHO (grão)	764502	72,18	365187	70,60
FEIJÃO TOTAL	239948	22,65	118885	22,98
ARROZ TOTAL	45030	4,25	29543	5,71
MAMONA	3143	0,30	1054	0,20
SORGO GRANÍFERO	1480	0,14	0	0,00
ALGODÃO TOTAL	623	0,06	600	0,12
FAVA	3712	0,35	1647	0,32
AMENDOIM	725	0,07	347	0,07
TOTAL	1059163		517264	100

